O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 16 | Nº 47 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.10223670

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

INFÂNCIA E PANDEMIA: O DIÁLOGO COMO PRINCÍPIO TEÓRICO-METODOLÓGICO NA PESQUISA COM CRIANÇAS

Maria Lidia Bueno Fernandes[1]

Diego Andrés Barrios Diaz[2]

Cristina Massot Madeira Coelho[3]

Resumo

Este texto apresenta pesquisa exploratória que ocorreu em Brasília, DF, com crianças de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola privada, entre novembro e dezembro de 2021. A abordagem teórico-epistemológica vinculou as crianças ao território da escola, contexto afetado diretamente pelo isolamento social determinado pelo período pandêmico. Nosso estudo procurou compreender as singularidades com que as crianças conceberam, pensaram e sentiram esse período pandêmico. O estudo apresenta a processualidade da pesquisa de campo enfatizando reflexões teórico-metodológicas sobre pesquisa com crianças a partir da utilização de diversos instrumentos metodológicos, como mapas vivenciais e dinâmicas conversacionais, planejados para estabelecer diálogo aberto e dinâmico com elas a partir de brincadeiras. Cumpre destacar que as crianças se manifestaram de forma ativa e criativa no âmbito da pesquisa, o que possibilitou compreender suas percepções sobre a pandemia e sobre os múltiplos e sensíveis impactos que essa teve em suas vidas. As marcas desse período pandêmico foram percebidas pelas crianças para além da problemática dos processos biológicos, pois suas vivências nos planos social e espacial passaram a ter sentidos singulares em suas vidas.

Palavras-chave: Infância; Mapas Vivenciais; Pandemia; Pesquisa com Crianças.

Abstract

This paper presents exploratory research that took place in Brasília, DF, with children from a 2nd grade class at a private school, between November and December of 2021. The theoretical-epistemological approach linked the children to the territory of the school, a context directly affected by the social isolation caused by the pandemic. Our study sought to understand the singularities with which the children conceived, thought and felt this pandemic period. The text presents the process of field research, emphasizing theoretical and methodological reflections on research with children based on the use of various methodological tools, such as experiential maps and conversational dynamics, designed to establish an open and dynamic dialogue with them through play. It should be noted that the children expressed themselves actively and creatively in the research, which made it possible to understand their perceptions of the pandemic and the multiple and sensitive impacts it had on their lives. The marks of this pandemic period were perceived by the children beyond the problem of biological processes, as their social and spatial experiences came to have unique meanings in their lives.

Keywords: Childhood; Living Maps; Pandemics; Research with Children.

[1] Professora da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Geografia. E-mail: mlidiageo@gmail.com

[2] Pedagogo. Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: barriosdiazda@gmail.com

[3] Professora da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia. E-mail: cristina.madeira.coelho@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste estudo apresentamos um recorte dos resultados da pesquisa "Estudo diagnóstico sobre a realidade vivenciada por crianças, adolescentes e famílias no período de pandemia COVID-19" por considerá-la metodologicamente valorosa para o estudo com crianças pequenas. Esse estudo exploratório busca compreender a resposta das crianças pequenas à situação global de saúde pública, a partir das suas próprias perspectivas e de sua agência sobre as situações vividas ao longo da pandemia da COVID-19.

Os efeitos da crise de saúde pública e seus desdobramentos não se fazem sentir de maneira uniforme para as diferentes infâncias do Brasil e do mundo. Assumem, invariavelmente, um lugar dentro de quadros e panoramas historicamente situados, experiências concretas marcadas por condições culturais e políticas, e por certo, pelos abismos e desproporções que estruturam a vida social. As urgências das crianças não são as mesmas, pois suas vidas se movimentam por espaços e tempos diversos. Por isso, a pesquisa se justifica por constituir um esforço de registrar as expressões concretas de crianças sobre como a pandemia afetou suas vidas.

As crianças criam e configuram novos espaços e tempos da infância, tanto no contexto institucional da escola, como nos outros espaços coletivos que vivenciam. Dessa forma, estudos com crianças pequenas exigem estratégias metodológicas compatíveis com as singularidades dessa faixa etária. A construção de conhecimento sobre as concepções e percepções das crianças em relação às suas vivências no período pandêmico demandou alternativas de procedimentos para acessar expressões que não seriam alcançadas a partir de uma metodologia tradicional de pesquisa, tais como entrevistas, questionários ou observação de comportamentos. Nestes instrumentos tradicionais as respostas vão ser diretamente relacionadas a categorias pré-estabelecidas e, portanto, não se constituem como alternativa viável para o alcance das singularidades pretendidas. Nesse momento do desenvolvimento infantil, a complexidade de fenômenos e processos exigem instrumentos de pesquisa que façam sentido para as crianças e assim permitam que elas se inscrevam de forma ativa na construção do processo da pesquisa.

Ao assumir um caráter qualitativo, a investigação toma o diálogo como o princípio central dos seus procedimentos metodológicos, ancorados na troca dialógica entre pesquisador e crianças, mas também entre as crianças de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola do Distrito Federal. Atuando como professor da escola, o pesquisador conduziu os trabalhos da pesquisa de forma concomitante com suas atividades docentes cotidianas durante o contexto de volta às atividades escolares presenciais, ainda em 2021. A condição de professor pesquisador trouxe elementos fundamentais para configurar um vínculo durante o processo da pesquisa, que buscou, a partir da

elaboração de mapas vivenciais, a compreensão do tema estudado em termos das dinâmicas territoriais, culturais e políticas da localidade. As diferentes atividades e instrumentos propostos na pesquisa permitiram formular análises e construir conhecimento sobre diferentes efeitos psicossociais gerados pelo contexto pandêmico.

A partir dessas considerações, podemos enunciar que, neste texto, nosso objetivo é compartilhar a compreensão sobre as percepções e sentimentos de crianças no período de isolamento social decorrente de suas vivências no longo do período da pandemia da COVID-19. E, como objetivos específicos, apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para o estabelecimento de um campo relacional com as crianças, demonstrando o valor do diálogo aberto e dinâmico como forma a abrir canais de escuta de suas vozes e apreender seus pontos de vista.

Embora a pesquisa aqui descrita apresente abrangência limitada, ela fez parte de um estudo exploratório bem-sucedido que serviu de base para uma pesquisa de caráter nacional, que se estendeu às cinco diferentes regiões do país, envolvendo variados grupos etários, sociais e geográficos. Tal estudo contextualizou de forma bem mais ampla a realidade da infância brasileira em tempos de pandemia. Assim, a pesquisa justifica-se pela possibilidade de validação dessa abordagem metodológica, o que possibilitou a inclusão das crianças da Educação Infantil e dos primeiros anos de Ensino Fundamental na pesquisa mais abrangente.

O estudo está organizado da seguinte forma: primeiramente, retoma a literatura desenvolvida sobre o tema com pesquisas que inspiram este estudo. Depois, apresenta a proposta metodológica e discute dinâmicas conversacionais e os mapas vivenciais como potentes recursos de expressão das narrativas infantis. Em seguida, são expostas essas narrativas e as elaborações das crianças sobre o distanciamento social e demais vivências na pandemia. Por fim, são trazidas as considerações finais com reflexões sobre a escola, o território e a vida.

INFÂNCIA E PANDEMIA: UM TEMA EM EVIDÊNCIA

O objetivo desta seção é estabelecer um diálogo com um conjunto de temas e questões apontadas na literatura sobre o tema infância e pandemia. A investigação de crianças em contexto pandêmico tem sido abordada pelo campo acadêmico desde o primeiro semestre de 2020, com diferentes esforços para registrar a experiência de crianças em suas diferentes condições de vida. Um aspecto central e recorrente do debate é a seguinte questão: seria possível generalizar os efeitos da pandemia na vida das crianças, considerando apenas uma escala global? Quais foram as infâncias mais atingidas? As consequências da crise só podem ser evidenciadas dentro de realidades próprias de acesso à escola, alimentação, serviços

de saúde e outros direitos básicos. A pesquisa de Ribeiro *et al*., (2021), por exemplo, mostra que há relações diretas entre classe social e taxa de mortalidade pela COVID-19.

A mesma conclusão aparece no trabalho de Lima e Santos (2022), que analisam os contextos da Espanha e do Brasil considerando as políticas públicas para a infância desenvolvidas nesses países durante a pandemia. Depois de retomar os marcos jurídicos de proteção de crianças nos dois países, indicam que em ambos os cenários houve um retrocesso na atenção à infância, destacando um impacto ainda maior para crianças em situação de vulnerabilidade e perda de direitos e aponta semelhanças entre as suas conclusões e outras experiências de pesquisa em diferentes contextos. Cabe entender a pandemia como um problema em movimento e em um contínuo, constituído como uma ameaça que atinge às crianças de maneira desigual.

Tais argumentos coincidem com as análises presentes em uma série de publicações que aparecem na bibliografia sobre infância e pandemia, em diferentes idiomas e contextos de pesquisa. Gonzalez e Patiño (2022) discutem a realidade de um contexto rural do México, analisando o caso da cidade de San Cristóbal de las Casas, Chiapas, cuja população infantil é majoritariamente indígena e esteve à margem do alcance das políticas nacionais adotadas durante a pandemia, uma vez essas políticas priorizaram as populações dos centros urbanos e falham em apresentar alternativas para as comunidades distantes desses centros.

No Brasil, os desdobramentos da pandemia foram marcados pela atuação precária do governo federal, recorrendo a estratégias de prevenção sem embasamento científico que induziram a população a ações que não condizem com as orientações e as indicações feitas pela Organização Mundial da Saúde. À medida que a crise de saúde pública se estendeu, as pesquisas passaram a discutir não só os impactos do confinamento ou da falta de acesso às aulas online, mas também os riscos de retorno às aulas presenciais. Kohan (2020) discute o cenário brasileiro e aponta que a pandemia explicita o quadro de disparidades profundas no país e as torna mais evidentes e presentes, o que faz necessária sua formulação como um recorte a partir do qual se criam relações de inteligibilidade sobre diferentes aspectos e condições de vida das crianças.

Ratusniak e Silva (2022) apresentam uma leitura crítica das políticas de atenção à infância no Brasil considerando, em particular, o contexto de retorno das aulas presenciais. Ao analisar os discursos oficiais do governo brasileiro, as autoras indicam que se propagou a falsa ideia de segurança sanitária e houve negligência das autoridades do país quanto às estratégias de retomada das rotinas escolares. Consideram, em especial, como os impactos da pandemia impõem desafios à educação pública nacional em um panorama marcado, naquele momento, pela ampla circulação do vírus em plena crise sanitária.

O trabalho de Melo (2022) faz uma análise profunda dos desafios para a educação pública brasileira em meio à pandemia, discutindo como a crise deve mobilizar o avanço das políticas educacionais. O recente trabalho *The Impact of COVID-19 on Educational Research: A Bibliometric Analysis* (CRETU; HO, 2023) contribui com uma revisão ampla da literatura sobre pandemia e educação e conclui que essa é uma agenda de pesquisa não esgotada, ainda em desenvolvimento, e com o potencial de apresentar e evidenciar questões importantes para o campo das políticas de educação.

A ameaça do vírus radicalizou os contrastes sociais historicamente configurados, as marcas do desemprego, da fome profunda, situações de extrema miséria que voltaram a se fazer presentes, ampliando o panorama de perda de direitos para diferentes populações, entre elas, as crianças. A situação emergencial de saúde pública e seus desdobramentos políticos e econômicos agravaram as condições daqueles que já se encontram em situação de vulnerabilidade: a pandemia explicitou as estruturas já existentes, mas também consolidou novas desigualdades. Tal conjuntura exige agilidade na formulação de políticas de atenção que considerem as necessidades particulares das crianças como grupo etário amplamente atingido, como podemos verificar no relatório da CEPAL sobre a conjuntura pandêmica na América Latina.

> Pese a los importantes logros que América Latina y el Caribe ha tenido desde inicios de la década de 2000 en materia de reducción de la pobreza, antes de la pandemia había al menos dos señales de alerta. En primer lugar, en los últimos años, la región había experimentado un aumento en los niveles de pobreza. Así, entre 2014 y 2019 la incidencia de la pobreza en América Latina pasó del 27,8% al 30,8%, mientras que la pobreza extrema aumentó del 7,8% al 11,5% (CEPAL, 2019). En segundo término, la pobreza y la pobreza extrema afectan más a los niños, niñas y adolescentes que a otros grupos etario (CEPAL, 2020, p. 23).

Diante desse cenário de desigualdade geracional, é fundamental pensar como as populações de crianças e jovens incidem sobre as políticas com suas opiniões, representações e percepções acerca dos problemas que as atingem. Marcos como a Convenção dos Direitos da Criança (ONU, 1989) da Organização das Nações Unidas e, mais especificamente no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e o Marco Legal da Primeira Infância (BRASIL, 2016), representam avanços no campo jurídico e legislativo que preconizam integrar as perspectivas das crianças ao campo das políticas públicas a partir de dispositivos que abram espaço à participação.

Contudo, ainda há muito o que efetivar no cenário de participação infantil concreta e ampla na sociedade. No que diz respeito à escuta de suas vozes no quadro pandêmico, todo o processo de decisão sobre fechamento e abertura de escolas, por exemplo, foi conduzido sem contemplar a participação das crianças. Um aspecto relevante que configura tal cenário é a concepção corrente de que crianças não sabem ou não podem falar das questões que vivenciam. Há um silenciamento em curso, expressão do

paradigma da proteção e do cuidado paternalista com as crianças. Torna-se relevante, portanto, discutir como narram uma nova espacialidade, como formulam relações próprias não só com o vírus e suas ameaças, mas com a vida de forma ampla. Ou seja, a própria participação infantil representa uma agenda fundamental que pode mobilizar diferentes setores da sociedade em torno de um projeto político que avance no reconhecimento das posições das crianças e na construção de espaços de participação.

Grinberg (2022) ressalta que a pandemia provoca um acirramento das desigualdades educacionais e da precariedade que caracteriza o acesso à educação e, consequentemente, a outros direitos das crianças. Diante dos impasses do cenário pandêmico, a educação pública deve ser afirmada como fonte de processos de democratização e transformação da sociedade a partir da escola. A pandemia, portanto, nos convoca a rever e repensar os modelos de educação e a afirmarmos a instituição escolar como um espaço de garantia de direitos e de acolhimento de crianças e suas famílias, um espaço de expressão e participação em uma vida cidadã. Macedo e Souza (2023) também refletem sobre a importância de articulação entre políticas de proteção à infância durante a pandemia a partir do campo da assistência social, buscando evidenciar a inserção no território como princípio de sua abordagem qualitativa.

Verificamos um cenário de produções que assumiram propostas metodológicas orientadas pela escuta das crianças como sujeitos que podem e devem participar ativamente de pesquisas. Os desafios metodológicos na pesquisa com crianças durante a pandemia são evidenciados no trabalho C*hildren living in pandemic times: a geographical, transnational and situated view* (CORTÉS-MORALES *et al.*, 2021). Destacamos a seguir algumas iniciativas realizadas no contexto da pandemia que incluíram, em sua proposta metodológica, a colaboração direta com as crianças e suas famílias, é o caso do trabalho de Silva *et al*., (2022):

> Parece, portanto, que da pandemia nos reerguemos com convicções renovadas acerca das competências das crianças, da sua contribuição para os processos de compreensão da vida social e para a necessidade de continuar a investir em caminhos metodológicos que, apesar de complexos, irão, com certeza, influenciar os modos de pesquisa com crianças no futuro (SILVA *et al*., 2022, p. 229).

Estas iniciativas de escuta também ocorreram em diferentes contextos internacionais. Em artigo sobre as rotinas escolares durante o confinamento no contexto espanhol, Rodríguez-Pascual *et al*. (2022) discutem a sobrecarga das atividades para as crianças durante as aulas remotas e a ocorrência de altos índices de dificuldades de aprendizagem relatadas pelos estudantes. As análises fazem parte de uma pesquisa mais ampla feita na Espanha, que evidenciou os impactos da pandemia a partir de uma metodologia centrada na participação de crianças e jovens desse país a partir de questionários e

entrevistas. Os autores concluem, em discussão com outras pesquisas similares, como o isolamento agrava as desigualdades estruturais diante dos desafios e efeitos causados pela falta de escola e pelo confinamento social, como insegurança alimentar, desemprego de familiares, e outras vulnerabilidades.

No caso brasileiro, destacamos a pesquisa "Infância e pandemia: escuta da experiência das crianças" de Silva *et al*. (2022), que consistiu em uma consulta com crianças de 8 a 12 anos da região metropolitana de Belo Horizonte a respeito dos impactos da pandemia e suas vidas. Um ponto de destaque é que a pesquisa formula "Recomendações ao poder público", entre as quais ressaltamos: a escuta das crianças por meio de rodas de conversa, assembleias, entrevistas individuais e fóruns, mas também a partir da análise sensível das suas diferentes formas de expressão, mediadas pela imaginação: o desenho, a fotografia e o brincar, todos considerados recursos importantes para informar e subsidiar a tomada de decisões que afetem suas vidas.

Encontramos na literatura uma inspiração para colocar em prática a iniciativa de pesquisa orientada por uma busca pela participação, a partir da escuta e do registro de histórias concretas, uma tentativa de "compreender na perspectiva das crianças, como elas vivenciam a pandemia da COVID-19 no Brasil por meio da análise das rotinas, relações sociais e experiências vividas, com foco nas emoções e nos sentimentos provocados" (SANTANA; LORDELO; FÉRRIZ, 2022). A pandemia certamente

> (...) evidencia a relevância da participação infantil na vida social e pública e reafirma a necessidade de pensarmos formas, contextos e metodologias de participação, de escuta, sustentadas em uma concepção ética e política que reconhece e concorda com o princípio de que "as crianças possuem direito de participar dos processos e decisões que lhes afetam nos diferentes âmbitos de suas vidas" (SILVA *et al.*, 2022, p. 271).

Há ainda um outro elemento que constitui este argumento a favor da escuta das crianças em meio à condição pandêmica. A alteração radical do cotidiano das crianças, sua saída da escola e a experiência de confinamento configurou uma desorganização dos modelos de educação da infância. Trata-se de uma oportunidade única de análise das posições das crianças diante de tais modelos, uma vez que, na ausência da vida escolar, a própria relação com a escola emerge como questão, como colocam Melo *et al.* (2022):

> A suspensão abrupta das atividades escolares presenciais também jogou luz sobre as relações das crianças com a escola diante de um novo cenário. Busca-se aqui analisar como as crianças atribuem sentidos à sua experiência na escola, distantes fisicamente desta instituição (MELLO *et al.*, 2022, p. 64).

A escola assume um lugar relevante neste debate, como meio de existência das crianças. Por isso, do ponto de vista metodológico, representa um espaço de encontro com as crianças e suas

perspectivas. O espaço escolar foi uma ponte necessária para viabilizar a escuta das crianças e desenvolver a nossa proposta metodológica em seu caráter qualitativo. Nosso intuito nesta seção consistiu em apontar questões centrais que aparecem na literatura sobre infância e pandemia e como tais questões continuam a mobilizar diferentes experiências de investigação e abordagens sobre o tema. Assim, assumindo como ponto de ancoragem o diálogo com este conjunto de pesquisas e produções, apresentamos a seguir a proposta metodológica de nossa investigação.

DISCUSSÃO METODOLÓGICA: O DIÁLOGO COMO PRINCÍPIO NA PESQUISA COM CRIANÇAS

A metodologia proposta na pesquisa priorizou os pontos de vista das crianças em uma abordagem que assinala a pesquisa feita *com elas* e não *sobre elas*. Nesse horizonte, para tecer uma análise das percepções de crianças acerca das realidades vividas durante a pandemia, foi preciso ir além do planejamento de estratégias metodológicas alinhadas à área dos estudos da infância como nos ensinam Qvortrup (1999), Corsaro (2011), Cohn (2005), Sirota (2001), Prout (2010) e Pires (2007), de forma a assumir o cuidado de desenvolver procedimentos que dialogassem com as suas faixas etárias e condições sociais, econômicas e culturais. Foi necessário, em um exercício de alteridade, abrir espaço para que as próprias crianças pudessem reconstruir o nosso planejamento, apontando, para a equipe de pesquisa, as ações necessárias para impulsionar as questões que moveram esse diagnóstico.

Em concordância com Pinto e Sarmento (1997, p. 8), o que buscamos foi nos engajar "numa atitude investigativa de confronto do investigador consigo para descentrar o seu olhar para melhor percepção das crianças". Na diversidade das dinâmicas propostas pelos instrumentos, foi assumido esse posicionamento metodológico, ético e político, comprometido em destituir posturas adultocêntricas. Dessa forma, pudemos construir relações de confiança que nos aproximaram das histórias particulares das crianças, dos jovens e de suas famílias. Esse princípio epistemológico nos fez compreender os efeitos da crise sanitária em seus cotidianos a partir de uma dinâmica afetivo-dialógica, constituída pela diversidade de instrumentos previstos pela abordagem da pesquisa e, também, de outros que surgiram como propostas das próprias crianças. Foram eles: 1. Dinâmicas conversacionais sobre covid-19; 2. Mapas vivenciais 3. Criação de desenhos e respectivas narrativas sobre esses; 4. Jogo "Imagem da palavra" e 5. Brincadeira "Isso me lembra".

A partir dessas considerações foram definidos os procedimentos para o levantamento de dados. Nas oito semanas em que a pesquisa efetivamente ocorreu, partiu-se de princípios éticos, em respeito ao desejo de participar ou não, além de considerar a autorização e o consenso da escola e das famílias,

inclusive para o registro fotográfico. Resguardou-se o sigilo e o anonimato com o preenchimento do termo ético de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e de assentimento livre e esclarecido (TALE).

O conjunto de procedimentos da investigação foi proposto de forma concomitante às atividades docentes cotidianas, portanto no âmbito dos diferentes espaços da escola. Como já explicitado, a interlocução com as crianças foi estabelecida por meio de dinâmicas conversacionais que envolveram diferentes linguagens e possibilidades expressivas, como: mapas vivenciais, jogos teatrais, desenhos e atividades ligadas à musicalização. O diálogo, nessa abordagem, não se caracteriza pelo simples encadeamento pergunta-resposta, tão próprio das pesquisas tradicionais nas ciências sociais e humanas (MADEIRA-COELHO, 2022), o diálogo é aberto e dinâmico, pois tem por objetivo "induzir o pesquisador a se deslocar da posição de quem pergunta e produzir uma dinâmica com um clima favorável para a produção da informação" (ROSSATO; MITJÁNS MARTINEZ, 2017, p. 345).

A compreensão do fenômeno estudado em seu contexto local foi, então, organizada por diferentes fontes de informação (CRESWELL, 2010), o que manteve o foco nos sentidos e significados que os participantes conferiam às suas experiências. Para o registro das informações decorrentes da observação e da escuta utilizou-se um diário de campo e as dinâmicas conversacionais foram registradas em áudio e posteriormente transcritas.

Os mapas vivenciais encontram respaldo teórico e metodológico nos estudos de Lopes (2008) que demonstram que as crianças se expressam por meio da criação cartográfica. Ao desenhar os mapas, as crianças criam paisagens que informam sobre seus contextos de vida e suas relações com o mundo. A análise dos mapas vivenciais considera mais do que o desenho em si, e toma tais produções gráficas como fonte de expressão e narrativa, recursos para a elaboração da experiência vivida. Neste exercício, as crianças partilham, elaboram, ressignificam suas vivências, possibilitando à equipe de pesquisa engajar-se no diálogo a partir de suas criações e, assim, alcançar um maior entendimento de seus contextos.

As imagens pictográficas fazem parte do conjunto de informações analisadas e foram escolhidas pelo valor que representam para os objetivos da pesquisa. É preciso ressaltar que as imagens foram produzidas ao longo do processo da investigação, portanto, de relações afetivo-dialógicas. Assim, a análise de tais materiais gráficos não se restringiu ao aspecto puramente semiológico (PENN, 2002), pois a produção imagética esteve ancorada pelas narrativas das crianças, em que recuperaram descrições e interpretações sobre o que haviam produzido.

Dessa forma, as imagens, polissêmicas e ambíguas, são acompanhadas por elementos narrativos que ocorrem sequencialmente. Assim, as relações sintagmáticas espaciais e temporais se complementam com informações sobre o momento da produção desses materiais. Os desenhos foram analisados a partir

de seus elementos gráficos, muitas vezes ressaltados nas narrativas infantis, para em seguida buscar explicitar sentidos e significados mais amplos, que pudessem estar associados tanto a crenças e valores culturalmente compartilhados, como também, às expressões singulares das vivências de cada criança.

Neste ponto, acionamos Muchow (1932 *apud* BEHNKEN; HONIG, 2012, p. 52), cujos estudos sobre a experiência espacial de crianças e jovens na Alemanha da década de 20 e 30 do século passado fornecem elementos para pensar os mapas narrativos que Lopes (2016; 2017) propõe. Muchow (1932, p. 52) preconiza que "precisamos ser capazes de nos entender com as crianças, não apenas saber como as crianças vivem no mundo, mas também saber em que mundo elas vivem". Assim, a base para a utilização dos mapas vivenciais em pesquisas com crianças é primar pela sua escuta e pelo aprendizado com elas que o dinamismo do diálogo aberto e criativo possibilita, especialmente em torno das questões que movimentaram o estudo em tela.

A seguir, trazemos as análises da pesquisa realizada com a turma participante do estudo. Desde os momentos iniciais da pesquisa, tratamos de mobilizar a participação das crianças na totalidade do processo. Foi considerado fundamental construir os sentidos da participação do grupo na pesquisa via uma perspectiva de diálogo e troca. Nas primeiras conversas, desenvolveram-se diálogos instigantes que impactaram na condução e, eventualmente, na alteração das próprias dinâmicas propostas, mobilizando importantes aportes e reflexões, sobretudo metodológicas, para a pesquisa.

O início da pesquisa: análise da construção de um espaço de escuta

A escola em que foi desenvolvido este estudo exploratório oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental I e está localizada no Plano Piloto em Brasília. Considera-se que o papel do pesquisador como professor dessa turma favoreceu o estabelecimento do cenário social da pesquisa (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). A pesquisa em campo ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2021, em meio a um cenário ainda profundamente marcado pela crise sanitária, em que os protocolos sanitários impediam o acesso do pesquisador a outras escolas. Por isso, optou-se por realizar o estudo exploratório dentro de seu contexto profissional.

O estudo foi realizado com crianças do 2º ano do Fundamental. Eram oito crianças que frequentavam a escola presencialmente, todas com oito anos à época. A entrada em campo foi feita respeitando ritos éticos e as formalidades. Primeiro, foi enviada a proposta da pesquisa às instâncias de gestão da escola, o Conselho Pedagógico e a Diretoria, que não só aprovaram a participação, como viram na pesquisa uma importante oportunidade de elaboração das crianças sobre suas vivências pandêmicas. O pesquisador, em seguida, teve uma reunião com as famílias da turma escolhida para

explicar como se daria a participação das crianças, o que garantiu o apoio e o consentimento dos adultos.

A escola em que foi desenvolvido o estudo exploratório integra a rede privada do Distrito Federal, mas é marcada pelo seu caráter associativo, que garante um modelo de gestão em que famílias e professores participam na tomada de decisões acerca de aspectos pedagógicos, administrativos e financeiros da instituição. Apesar de todas as medidas adotadas para a prevenção contra o vírus (uso de máscaras, distanciamento entre as crianças, separação do horário de brincadeiras entre as distintas turmas da escola), a grande área de espaço externo garantiu certa naturalidade às atividades focos da prática pedagógica da escola, que são o encontro entre as crianças, a brincadeira e a participação efetiva dos professores no cotidiano de atividades pedagógicas.

Desde os momentos iniciais da pesquisa, foi considerado fundamental construir os sentidos da participação do grupo na pesquisa via uma perspectiva de diálogo e troca. Nas primeiras conversas, desenvolveram-se diálogos instigantes que impactaram na condução e, eventualmente, na alteração das próprias dinâmicas propostas. O pesquisador conduziu uma das primeiras dinâmicas de conversa com a turma procurando levantar questões sobre o que é fazer pesquisa e se tal prática seria uma exclusividade dos adultos. O diálogo com as crianças buscou provocá-las e estimular seu engajamento como sujeitos do conhecimento. Assim que a pesquisa foi apresentada, elas quiseram saber mais sobre como se envolver no processo, e dispararam uma sequência de perguntas: Quer dizer que você vai tirar informações da gente? Será que ele é um espião?

As expressões indicam que as posições entre investigador e participantes rapidamente se alteraram e as crianças assumiram o papel daquelas que questionam. Elas não apenas demandam respostas do pesquisador, como compartilham indagações entre si: "*Será que ele é um espião?"* O adulto que faz pesquisa com crianças e está disposto a escutá-las com seriedade deve estar pronto também para responder suas perguntas. No nosso caso, o pesquisador rapidamente teve que se posicionar sobre o "tirar informações" das crianças e sobre a possibilidade de ser um espião, tomando o cuidado de explicar que a pesquisa seria desenvolvida em conjunto e com o consentimento delas em todas as etapas.

Diversos pesquisadores, Alderson (2005); Hartmann (2020, 2021); Montandon; Longchamp (2007); Rayou (2005) e Soares *et al.* (2005), têm defendido essa perspectiva de autonomia e participação direta das crianças em todas as fases da pesquisa, não apenas como interlocutoras, mas como agentes ativos na escolha dos caminhos, métodos e técnicas empregados. Em outro momento, o pesquisador comenta que está fazendo a mesma pesquisa com crianças de outras escolas, e destaca a diversidade de situações em que vivem crianças nos diversos contextos de nosso país e do mundo: como

será que elas viveram a pandemia? O comentário mobiliza o grupo, que indaga como será a vida dessas crianças de outros lugares. Que brincadeiras fazem? Onde moram? Será que elas também gostam de brincar de *pique gelo*?

Ao tentar contemplar essa diversidade, as crianças colocam suas indagações e, com isso, mergulham no processo de pesquisa, mostrando interesse em se aproximar destes espaços e tempos outros, para além dos seus. O plano espacial se estende e seus limites se tornam menos rígidos diante da fluidez das escalas de relação indagadas pelas crianças. Fica explícito o desejo de estabelecer laços, identificar elementos em comum, estreitar as distâncias, imaginar relações, questionando se conheceriam as mesmas brincadeiras e a possibilidade da partilha de experiências similares.

É instigante observar como nossos interlocutores encontram, na relação com as diferentes realidades e formas de viver a pandemia, um elo com essas outras crianças que pode indicar uma percepção de experiência coletiva relacionada ao próprio 'ser criança'. No decorrer da dinâmica conversacional, o envolvimento do grupo na pesquisa passa a ser uma oportunidade de partilha com outras crianças e outras infâncias. O sentido da participação se desenvolveu em torno do pertencimento a um espaço coletivo tanto vivido quanto imaginado.

PAISAGENS DO ISOLAMENTO: O VÍRUS COMO AMEAÇA, A REINVENÇÃO DO SOCIAL E OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

O instrumento dos mapas vivenciais impactou bastante o grupo. A proposta de resgatar as marcas do que foi vivido no isolamento trouxe à tona memórias e relatos dos aspectos difíceis da vida nesse contexto. Durante a dinâmica, as crianças passam a dar atenção a seus sofrimentos, inseguranças, preocupações e medos, como o receio de perder membros da família e de ver pessoas amadas sendo infectadas. As famílias são colocadas, na visão delas, como fontes de apoio e suporte. As crianças dizem que estar em casa com suas famílias as ajudava a lidar com o medo e a se sentir relativamente seguras. O período de isolamento fez com que surgissem novas percepções enquanto sujeitos geográficos. A criação dos desenhos/mapas sobre *O que mais marcou vocês na pandemia*, como imaginávamos, foi acompanhada de um rico processo dialógico, em que as crianças mencionaram enfaticamente as rupturas em suas rotinas causadas pelo isolamento social, a monotonia no cotidiano, a saudade de seus familiares e amigos, de brincar com outras crianças e de ir à escola. A seguir (Figura 1) trazemos alguns exemplos ilustrativos das produções das crianças:

Figura 1 - Mapas vivenciais elaborados pelas crianças em novembro de 2021



Fonte: Organização própria.

A análise dos mapas vivenciais não se restringe ao desenho, e inclui também suas narrativas orais. As crianças narram seus desenhos e elaboram suas experiências a partir do desenho. Uma criança da turma conta que seu mapa se trata de "um monte de coronavírus dentro do sangue". Sua colega ao lado também desenha uma parte do corpo humano, sem que os dois tenham combinado isso. Em seu desenho, vemos unidades do vírus contornando as bordas de um coração. O desenho de um coração, órgão tão fundamental do ser humano, com suas bordas tomadas pelo vírus, aponta para o processo de elaboração das crianças sobre o vírus como ameaça ao corpo, à saúde, à sua integridade física

Em seus desenhos, as crianças mostram que concebem relações entre o próprio corpo e o vírus. Não se trata, ao contrário do que parecia inicialmente, de representações sobre o vírus em si, isolado, como coisa, uma presença absoluta e não diferenciada. As crianças mostram como o vírus é, ao mesmo tempo, um agente desconhecido e íntimo, capaz de impactar o corpo das pessoas do ponto de vista fisiológico, que causa doença, mas também capaz de ameaçar as relações sociais e o livre trânsito pelo espaço.

Como para a maior parte das pessoas, tornava-se difícil entender a existência de escalas e planos microscópicos que incidem sobre os processos humanos. Onde está o vírus? Como reagir diante desta presença enigmática e complexa de conceber? Como saber se ele se aproxima? Ao optar por representar o vírus em si, e não a elas mesmas ou suas memórias da pandemia, as crianças mostram sua percepção da complexidade dessa situação, e buscam, com a representação vírus, uma maneira de situar esse agente invisível em um espectro visível e, quiçá, mais compreensível.

Para Vigotski (2021), a imaginação e a elaboração de sentido são recursos que emergem na brincadeira e que permitem à criança se emancipar e criar novas relações entre um mundo pronto e um mundo formulado por ela. É essa dimensão de elaboração que caracteriza a relação da criança com o meio e que pode ser compreendida a partir do conceito de vivência como "uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso (VIGOTSKI, 2018, p. 78). O conceito vigotskiano permite entender o meio como parte de um processo relacional, e concebe um processo histórico e situado de elaboração da criança diante daquilo que vive. Lopes (2013) questiona como esse conceito permite integrar a espacialidade de crianças como parte integrante de um espaço que não está pronto e tampouco é determinante ou determinado.

As crianças falam de um sentimento de incerteza causado pelo vírus: se não se sabe onde ele está, pode estar em qualquer lugar, em todos os lugares, até no próprio corpo: O medo e o sofrimento não se reduzem ao risco de contaminação. O vírus afeta o corpo e o torna vulnerável, mesmo que não haja uma contaminação do sangue. A representação espacial das crianças confirma o que Lopes e Fichtner (2018, p. 40) nos apresentam por meio dos estudos da geografia da infância, no sentido de que "as crianças vivem o espaço em sua plenitude geográfica, que estão presentes nas paisagens, deixando suas marcas".

A prática dos mapas vivenciais pode ser compreendida como uma forma de cartografia dos sentimentos (REKACEWICZ; TRATNJEK, 2016; CRACEL; AMORIM, 2021). Nesse sentido, cabe destacar que a partir dos giros epistemológicos que envolvem a cartografia, em especial a cartografia escolar, reivindica-se a reintrodução das pessoas no mapa e, mais do que isso, que cartografar faça parte da experiência humana, de forma que, mais que leitor de mapas, deve-se ser produtor desses, os quais expressam a marca do seu autor, sua posição e sua visão do mundo.

Cumpre ainda mencionar que o instrumento traz à tona relatos de memórias incômodas, sentimento de insegurança. É delicado fazer pesquisas com crianças acerca de temas que podem gerar emoções profundas no curso da sua participação. Suas falas e expressões não são dados prontos que entregam ou disponibilizam para a análise, mas sentidos próprios sobre a angústia e o sofrimento experimentados em suas histórias concretas e que podem ser revividos no ato de narrar. A partir dos mapas, as crianças expressaram a solidão, a falta das relações sociais, a ameaça do vírus, mas também a reinvenção das brincadeiras, a formulação de novas formas de estar juntas, paisagens do encontro, e não só do sofrimento.

Depois da dinâmica com os desenhos, em outro encontro, propusemos a brincadeira "Isso me lembra". Esta consiste num encadeamento de palavras por associação: após uma palavra inicial, cada

pessoa deve dizer a primeira coisa que lhe vem à mente. Após uma rodada inicial, não vinculada à questão da pandemia, propusemos uma rodada seguinte, com palavras relacionadas ao tema da pesquisa. Uma das crianças pede para começar:

> - Eu quero começar com a palavra mortos.
> - Mortos me lembra cemitério.
> - Cemitério me lembra tristeza.
> - Tristeza me lembra corona.
> - Corona me lembra máscara.
> - Máscara me lembra pandemia.
> - Pandemia me lembra assistir TV.
>
> (Diálogo entre as crianças)

Nesse momento, há uma breve pausa e algumas crianças comentam: "*Nossa, é verdade, me lembra TV também*". Ao que outra criança complementa: "*Me lembra muito TV*". Dos mortos à TV, as múltiplas percepções da pandemia se expressam nas palavras das crianças.

Em nossa pesquisa também foi perceptível que grande parte de suas vidas foi transposta para as telas, seja por meio de jogos eletrônicos, pelas atividades escolares *on-line* ou pela socialização por aplicativos de mensagens, como *WhatsApp*, entre outros. Porém, como já apontaram Ataíde *et al*., (2019), em artigo elaborado a partir de uma revisão de literatura, as crianças possuem percepções claras sobre os riscos e as oportunidades para comunicação, lazer e entretenimento oferecidos pelos dispositivos digitais. A principal questão que surge como achado desta pesquisa é a importância das relações sociais para o desenvolvimento emocional infantil. Como aponta Pastore (2021, p. 5), as crianças "são sujeitos reais que se constituem a partir das relações sociais pautadas nos tempos de hoje". Concordamos também com Martínez Muñoz *et al*., (2020) quando afirmam que:

> […] niñas y niños no viven en universos aislados, forman parte del mundo social, de su sociedad y negar esta condición implica desdeñar la posibilidad de construir una relación con la población infantil en pie de igualdad. Por otro lado (más práctico), pueden aportar una visión útil y diferente sobre ciertos procesos esenciales de nuestra sociedad (lo educativo, por ejemplo) que difícilmente podrían aportar otros agentes sociales cuyas vivencias están muy alejadas del mundo infantil (MARTÍNEZ MUÑOZ *et al*, 2020).

A seguir, relatamos uma dinâmica proposta por elas próprias a partir de um diálogo que foi iniciado na roda de conversa. Como afirmado anteriormente, a pesquisa teve como princípio engajar as crianças na elaboração das próprias dinâmicas e instrumentos. Nesse diálogo, elas questionaram por que as crianças ainda não haviam sido vacinadas e propuseram escrever essa e outras perguntas evidenciando, entre outras questões, seu acesso a direitos, em particular o seu direito à vacina. As falas em negrito são do pesquisador.

- A vacina ainda não está pronta para as crianças.
- A minha mãe disse que viu em um noticiário que vão testar as vacinas, iam testar nas crianças de 5 até 11.
- Mas, gente, por que a vacina para covid é tão importante?
- Pra proteger todo mundo. Pra evitar pegar covid. Se pegar covid, não vai fazer tanto mal. Mas, se não estiver vacinado, aí, se pegar, pode ter risco de morte. Com a vacina nem tanto.
- E por que será que as crianças ainda não se vacinaram?
- Eu acho que é porque os idosos precisam das vacinas mais rápido do que as crianças. O covid, se for uma criança que pegar, não vai fazer tão mal quanto se for um idoso ou um adulto. Por isso deram vacina para os idosos primeiro, porque eles são mais sensíveis.
- Eu quero vacina! Quer dizer, massinha.
- Eu quero mais vacina do que massinha.
- Eu prefiro massinha!
- Eu amo tomar vacina.

(Diálogo entre o pesquisador e as crianças)

É importante perceber que as crianças mostram que existe um critério geracional que configura a prioridade para tomar as vacinas. Uma delas lembra que há uma geração mais vulnerável diante da doença, os idosos. Em paralelo a esse aspecto mais objetivo, aparece aqui, no jogo de palavras entre "vacina" e "massinha", o elemento lúdico. Este também pode ser verificado nos desenhos: o aniversário sem outras crianças, no qual a criança é menor do que o bolo; crianças brincando com máscaras, distantes umas das outras; o espirituoso coração de coronavírus e, as amigas reinventando formas de estar juntas, mesmo distantes, "brincando de passar coisas pela varanda".

Ao mesmo tempo, nas questões desenvolvidas por escrito por elas, reproduzidas abaixo, podemos ver que aparece a expressão "as crianças" duas vezes, não só como plural abstrato, mas indicando uma leitura sobre as relações geracionais e como elas incidem sobre os direitos. As perguntas, registradas em cartolinas e papéis coloridos, estão transcritas a seguir, respeitando a forma original em que as crianças estavam, naquele momento, utilizando o código escrito das expressões: *Porque as crianças foram as últimas a se vacinar? Por que as crianças não tomaram vacina?*

Como se pode perceber, as perguntas não são formuladas desde um sujeito individual: "Por que eu não pude tomar a vacina? Por que demorou para chegar a minha vez?" As crianças participam e se inserem como coletivo nas tramas do social, pois entendem que não estão sozinhas no mundo. Há outras pessoas e outras vidas em jogo. Não foi só uma criança que deixou de tomar a vacina, mas o conjunto delas. Elas falam situadas como coletividade. A presente pesquisa mostrou o quanto crianças são perspicazes em fazer leituras do que está acontecendo em suas vidas ao demonstrar que entendiam a seriedade e os impactos representados pela pandemia. Elas se sentem parte da experiência pandêmica, identificam de que maneiras são afetadas por esse contexto e, ao mesmo tempo, são propositivas e têm muito a contribuir para o nosso entendimento desse problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa pudemos conhecer, de forma mais profunda e sensível, o impacto da pandemia nas vidas cotidianas de crianças de uma escola do DF, bem como os reflexos em seus corpos e suas relações sociais. Consideramos que a pesquisa tenha contribuído para o conhecimento dos efeitos do isolamento social sobre crianças na idade escolar. Nas narrativas e nos desenhos das crianças interlocutoras da pesquisa, o *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (SARS-CoV-2) foi retratado como um inimigo forte, que trouxe "muitas coisas ruins pra vida" e que "matou muitas pessoas".

Na busca pela compreensão de suas vivências no curso da pandemia, os desenhos foram analisados como parte das narrativas que acompanharam as produções gráficas. O desenho foi uma ferramenta importante para iniciar diálogos e despertar uma atmosfera favorável para que as crianças se expressassem com autonomia. Vale frisar que o nosso olhar analítico passou ao largo de uma análise psicológica dos desenhos, primando, sim, por uma contextualização destes a partir das próprias narrativas das crianças sobre suas produções.

O vírus foi representado não como algo abstrato e indiferenciado, mas como um elemento concreto, que se faz presente na vida cotidiana. A separação dos colegas e da escola, por exemplo, aparece nos discursos de muitas delas e nos de suas narrativas pictóricas. As crianças desenharam, em seus mapas vivenciais sobre o período da quarentena, meninos e meninas tentando brincar, mas impedidos por uma cerca, em um caso, e por um muro, no outro.

As falas das crianças também indicam encontros com esse agente quase invisível, capaz de infectar o corpo das pessoas, causando doença e morte, e, também, impedindo as relações sociais e o livre trânsito pelos diferentes espaços que lhes eram costumeiros. A análise das produções das crianças a partir do conceito vigotskiano de vivência permitiu a compreensão de que o meio não determina os seus comportamentos, podendo, porém, favorecer a elaboração das crianças diante de onde e como vivem suas experiências de vida. A pesquisa promoveu não apenas o resgate das experiências das crianças durante o período de isolamento, trazendo à tona memórias e relatos dos aspectos difíceis (muitas vezes negados ou silenciados) da vida nesse contexto, como também desencadeou reações sobre como responder às propostas com novas perguntas. Especificamente, a pesquisa revelou as representações das crianças sobre a pandemia e sobre o vírus e evidenciou que crianças pequenas avançam em relação às questões mais elaboradas como os grupos de risco e o direito à vacina.

Enfatizamos, por fim, o valor metodológico proporcionado pelas dinâmicas conversacionais como estratégia nas diferentes expressões sobre os mapas vivenciais e em outras combinações de

diferentes instrumentos de pesquisa. Diálogos provocadores, a escuta radical (com suas devidas consequências) e a troca intergeracional, favoreceram a participação efetiva das crianças em todo o processo, o que, certamente, impactou nos resultados obtidos, contribuindo para a compreensão dos efeitos do isolamento social sobre crianças do início da escolarização.

Durante o processo, procuramos proporcionar espaços-tempos para que as crianças pudessem dar a devida atenção e partilhar seus sofrimentos, inseguranças, preocupações e medos, falar da saudade que sentiram dos amigos e dos familiares que não podiam encontrar. Os relatos sobre suas produções pictóricas falam simultaneamente de si e dos perigos patogênicos, mas, principalmente, explicitam como nossa infância percebe que as marcas desse vírus se estendem para além de processos circunscritos à biologia, uma vez que alteram as tramas vividas nos planos social e espacial de suas vidas.

As crianças têm muito a falar, mas suas vozes encontram a resistência do adultocentrismo que frequentemente as exclui de dimensões públicas dos debates que impactam as suas próprias condições de saúde, educação e moradia, por exemplo. Acreditamos que é fundamental conhecer como as crianças vivenciam singularmente os processos sócio-históricos que as afetam, partindo de expressões que emergem quando se criam espaços e oportunidades de participação. Elas nos mostram que os sentidos e os afetos estão em movimento e se organizam na fala, nas brincadeiras, nas vivências partilhadas. Aprendemos com elas, então, que estar em movimento é importante. Estar na escola como pesquisadores nos coloca em uma posição fundamental: a de aprender com as crianças que é possível formular outros sentidos, imaginar e materializar pontes.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, P. “As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa.” **Educação e Sociedade**, vol. 26 (91), 2005.

ATAÍDE, M. W. O. *et al*. “A criança e a internet: análise bibliográfica acerca dos riscos e benefícios percebidos por crianças.” **Revista Edapeci**, n. 9, 2019.

BEHNKEN, I.; HONIG, M. S. (orgs.). “Der inhaltliche Aufau der kindlichen Welt aus Untersuchungsthema”. *In*: MUCHOW, M.; MUCHOW, H. H. **Der Lebensraum des Großstadtkindes**. Berlin: Beltz Juventa, 2012.

CEPAL - Comisión Económica para América Latina y el Caribe. **La educación en tiempos de la pandemia de COVID-19**. Santiago: CEPAL, 2020

COHN, C. **Antropologia da criança**. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2005.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORTÉS-MORALES, S. *et al*. "Children living in pandemic times: a geographical, transnational and situated view." **Children's Geographies**, vol. 20, n. 3, 2021.

CRACEL, V. L.; AMORIM, R. C. M. "Mapeando sentimentos: Cartografias da quarentena." **Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia**, Campinas: UNICAMP, 2021.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Editora Bookman, 2010.

CRETU, D.M.; HO, Y. S. "The Impact of COVID-19 on Educational Research: A Bibliometric Analysis". **Sustainability**, vol. 15, 2023.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. São Paulo: Alínea, 2017.

GONZALEZ, M. P.; PATIÑO, K. N. "Perspectivas de la educación formal con infancias ante el covid-19: el contexto de chiapas". **Cadernos CEDES**, vol. 42, n. 118, 2022.

GRINBERG, S. "Dispositivos, gubernamentalidad y escolarización en tiempos gerenciales". *In*: GRINBERG, S. *et al*. **Silencios que gritan en la escuela**: dispositivos, espacio urbano y desigualdades. Buenos Aires: CLACSO, 2022.

HARTMANN, L. "Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia? Perguntemos a elas." **Revista NUPEART**, vol. 24, 2020.

HARTMANN, L. **Crianças contadoras de histórias**. Brasília: Editora da UnB, 2021.

KOHAN, W. O. "Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica." **Práxis Educativa**, vol. 15, 2020.

LIMA, A. E. O.; SANTOS, H.; PAIVA, R. "Políticas públicas para infância: um estudo da condição da criança no brasil e na espanha durante a pandemia da covid-19." **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 36, 2022.

LOPES, J. J. M. "A natureza geográfica do desenvolvimento Humano: diálogos com a Teoria Histórico-Cultural". *In*: TUNES, E. (org.). **O fio tenso que une a psicologia à educação**. Brasília: UniCEUB, 2013.

LOPES, J. J. M. "Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias". **Revista Contexto e Educação**, vol. 23, n. 79, 2008.

LOPES, J. J. M. *et al*. "Mapas vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais". **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, vol. 6, n. 11, 2016.

LOPES, J. J. M. **Geografia e educação infantil**. São Paulo: Editora Mediação, 2018.

LOPES, J. J. M.; FICHTNER, B. O "espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Marta Muchow às crianças e suas espacialidades". **Revista de Educação Pública**, vol. 26, n. 63, 2017.

MACEDO, R. I.; SOUZA, M. P. R. "O Saber Escolar na Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes em Tempos de Covid-19". *In*: LEMOS, F. C. S. *et al*. (orgs.). **Educação**: Pesquisas Contemporâneas. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

MADEIRA-COELHO, C. M. "O Diálogo na Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: sobre o que estamos falando?". *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *et al*. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica**: desenvolvimento, implicações e desafios atuais. Campinas: Editora Alínea, 2022

MARTÍNEZ MUÑOZ, M. *et al*. "Hacia una Sociología de Urgencia: por qué escuchar a las niñas, niños y adolescentes confinados". **Documentación Social**, vol. 6, 2020.

MARTÍNEZ MUÑOZ, M. *et al*. **Te quedarás en la oscuridad**: Desahucios, familias e infancia desde un enfoque de derechos. Madri: Enclave de Evaluación, 2016.

MELO, A. C. F. B.*et al*. "Crianças e escolas no contexto do isolamento social: aprendizagens e sociabilidades entremeadas". *In*: SILVA, I. O. *et al* (orgs). **Infância e pandemia**: escuta da experiência das crianças. Belo Horizonte: Incipit, 2022.

MELO, M. A. F. "Pandemia da Covid-19: Efeitos retratados na educação pública brasileira". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 20, 2022.

MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P. "Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças." **Perspectiva**, VOL. 25, N. 1, 2007.

PASTORE, M. D. N. "Infâncias, crianças e travessias: em que barcos navegamos?" **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, vol. 29, 2021.

PENN, G. "Análise semiótica de imagens paradas". *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002

PINTO, M., SARMENTO, M. J. "As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo". *In*: PINTO, M., SARMENTO, M. J. (coord.). **As crianças**: contextos e identidades. Minho: Universidade do Minho, 1997.

PIRES, F. "Ser adulta e pesquisar crianças". **Revista de Antropologia**, vol. 50, 2007.

PROUT, A. "Reconsiderando a nova infância." **Cadernos de Pesquisa**, vol. 40, 2010.

QVORTRUP, J. **A infância na Europa**: novo campo de pesquisa social. Minho: Universidade do Minho, 1999.

RATUSNIAK, C.; SILVA, V. P. "Deus abençoe o nosso Brasil - recomendações para o retorno às aulas presenciais das crianças: a travessia da biopolítica à necropolítica". **Educação**, vol. 47, 2022.

RAYOU, P. "Crianças e jovens, atores sociais na escola. Como os compreender?" **Educação e Sociedade***,* vol. 26, n. 91, 2005.

REKACEWICZ, P.; TRATNJEK, B. "Cartographier les émotions". **Carnets de Géographes**, vol. 9, 2016.

RIBEIRO K. B. *et al*. "Social inequalities and COVID-19 mortality in the city of São Paulo, Brazil". **International Journal Epidemiology**, vol. 50, 2021.

RODRÍGUEZ-PASCUAL, I. *et al*. "Cuarenta tareas para la cuarentena: infancia y tareas escolares durante el confinamiento". **Cadernos CEDES**, vol. 42, n. 118, 2022.

ROSSATO, M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. "A metodologia construtiva-interpretativa como expressão da Epistemologia Qualitativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade." **Atas CIAIQ2017**, vol. 1, 2017.

SANTANA, J. P.; LORDELO, L. DA R.; FÉRRIZ, A. F. P. "Quanto tempo o tempo tem? O cotidiano das crianças durante a pandemia da covid-19." **Cadernos CEDES**, vol. 42, n. 118, 2022.

SILVA, I. *et al*. **Infância e pandemia**: escuta da experiência das crianças. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022.

SILVA, I. O. *et al*. "A escola na ausência da escola: reflexões das crianças durante a pandemia". **Cadernos CEDES**, vol. 42, 2022.

SIROTA, R. "Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar." **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, 2001.

SOARES, N. F. *et al*. "Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos Mundos sociais das crianças." **Nuances: Estudos Sobre Educação**, vol. 12, n. 13, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**: Escritos de L. S. Vigotski. Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2021.

VIGOTSKI, L. S. "Quarta aula. O problema do meio na pedologia". *In*: PRESTES, Z.; TUNES, E. (orgs.) 7 **Aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: Editora E-Papers, 2018.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 16 | Nº 47| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima